



De doenças e metáforas: Reflexões sobre a Aids e a dengue como fenômenos midiáticos¹

Luiz Marcelo Robalinho FERRAZ²
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, UFPE

Resumo

A proposta deste artigo é pensar sobre a construção discursiva da imprensa a respeito das doenças, em especial as infecciosas. Tomando como exemplo a Aids e a dengue, discutimos os sentidos produzidos pela mídia impressa em duas épocas distintas – nos anos 80 e 2000 – após o aparecimento e disseminação dessas duas moléstias no Brasil. Nosso corpus de análise é formado por capas da revista *Veja* e do *Jornal do Commercio do Recife*, bem como matérias veiculadas pelos dois veículos. Baseados em noções de interdiscurso e metáfora, defendemos que a mídia se configura num *locus* de constituição de sentidos importante, tornando a experiência da doença cada vez mais comum para a população e revelando, por vezes, aspectos de rejeição, medo e preconceito em relação a determinadas enfermidades epidêmicas.

Palavras-chave: Aids; dengue; interdiscurso; imprensa; metáfora.

*A doença é o lado sombrio da vida,
uma espécie de cidadania mais onerosa.
Todas as pessoas vivas têm dupla cidadania,
uma no reino da saúde e outra no reino da doença.
Embora todos prefiramos usar somente o bom passaporte,
mais cedo ou mais tarde cada um de nós será obrigado,
pelo menos por um curto período,
a identificar-se como cidadão do outro país.”*
**SUSAN SONTAG (1933-2004),
escritora e crítica de arte americana**

Introdução

Desde os tempos antigos, antes mesmo da invenção da imprensa, as doenças já faziam parte da História. Lepra, peste, tuberculose, varíola, sífilis... O homem sempre conviveu com moléstias e surtos, expondo-se mais com a conquista de novos territórios e a ocupação desordenada pela invasão do meio antes habitado por vírus e bactérias. Com a elucidação do papel dos micro-organismos, a real causa das patologias foi desvendada, levando ao desenvolvimento de tratamentos e terapias adequados.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade do X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Comunicação pelo PPGCOM-UFPE, email: marcelorobalinho@yahoo.com.br.



Apesar do vasto conhecimento adquirido pelo campo médico-científico sobre as enfermidades no último século, a doença continua uma experiência inevitável ao ser humano em algum momento da vida, devido ao seu convívio com os micro-organismos.

A doença é o nosso destino comum. Embora a experiencemos inevitavelmente com as nossas idiossincrasias intactas, é algo que quase toda a gente partilha. Pretos ou brancos, hindus, mulçumanos ou judeus, mais tarde ou mais cedo, a todos chega a nossa vez no país dos doentes. A estada é muitas vezes profundamente perturbadora. Respirar pode requerer uma luta consciente; a febre e os arrepios percorrem o corpo; a cabeça dói, os membros também, a disposição azeda. [...] A doença não só nos torna irritáveis ou, como dizemos, mal-humorados, mas também nos pode fazer sentir alienados de nós próprios, como se tivéssemos sido substituídos por uma réplica sem encanto, gravemente deteriorada, cheia de dor. (MORRIS, 1998, p. 33)

Por incidirem sobre a esfera pública, as doenças infecciosas em especial – que atualmente respondem por mais de 25% das mortes anuais no mundo (SILVA; ANGERAMI, 2008, p. 11) – ultrapassam a questão biológica, produzindo significados, a partir das diferentes formas de contágio e o risco em potencial que representam para a vida das pessoas. “Para toda sociedade, a doença é um problema que exige explicação – é necessário que ela tenha um sentido” (NASCIMENTO, 2005, p. 35).

Pela posição privilegiada que ocupa no espaço público, a mídia se configura num *locus* de constituição de sentidos importante, sendo considerada “o principal *lugar de memória e/ou de história* das sociedades contemporâneas” (RIBEIRO, 2005, p. 115, grifos da autora). Em grande parte, as informações de que dispomos sobre as moléstias advêm da divulgação da imprensa, tendo como base a fala de diferentes atores relacionados ao assunto, tais como gestores públicos, médicos, cientistas e pacientes.

Neste artigo, escolhemos a Aids e a dengue como exemplos para refletir sobre a forma como a imprensa vem construindo significados na nossa sociedade a respeito das moléstias. As duas marcaram o fim do século XX no Brasil, fazendo cair por terra a falsa ideia de que as doenças infecciosas estariam, enfim, controladas, principalmente com o desenvolvimento econômico e social. Para a imprensa, o apelo da novidade em relação à descoberta do vírus do HIV e ao reaparecimento da dengue tornou as duas enfermidades alvo constante de notícias, sobretudo na fase dos seus surgimentos, quando vigorava certo desconhecimento em relação a elas. Enquanto a Aids foi extremamente noticiada na década de 80 e na de 90, a dengue tem a cobertura ditada, nos últimos anos, pela ocorrência das epidemias cíclicas e, sobretudo, e as mortes registradas pela febre hemorrágica, a forma mais grave.



Nosso *corpus* é constituído por sete capas de dois veículos de comunicação: um de circulação nacional, a revista semanal *Veja* (publicada pela Editora Abril desde 1968), e outro de circulação local, o *Jornal do Commercio do Recife* (periódico com maior tiragem em Pernambuco, fundado em 1919³). Optamos pelas capas por serem consideradas espaços privilegiados na imprensa escrita, em que são destacadas verbalmente as principais notícias, entre elas a Aids e a dengue, veiculadas em diferentes momentos, da década de 80 para cá.

De forma complementar, selecionamos seis matérias dos mesmos veículos para aprofundar as análises a respeito das duas moléstias como fenômenos midiáticos. Os conceitos de interdiscurso e metáfora são a base para discutirmos como o campo jornalístico cria os seus enunciados, contribuindo para disseminação de informações para a sociedade e, por vezes, reforçando o temor, a repulsa e o preconceito diante de certas doenças epidêmicas, sobretudo as que causam danos ao corpo, como a Aids.

O mal da Aids e o interdiscurso da peste

Cada epidemia tem sua própria história, marcando determinada época. Diz Le Goff (1997[1985], p. 8) que “a doença pertence não só à história superficial dos progressos científicos e tecnológicos como também à história profunda dos saberes e das práticas ligadas às estruturas sociais, às instituições, às representações, às mentalidades”. Para ele, há uma história de sofrimento e dor nas epidemias, sobretudo nos séculos passados, quando a origem das doenças era um desafio para a ciência.

Esta história das doenças conhece a febre conjuntural das epidemias. É uma história dramática que revela através dos tempos uma doença emblemática unindo o horror dos sintomas ao pavor de um sentimento de culpabilidade individual e colectiva (sic): lepra, peste, sífilis, tísica, cancro e, num pequeno território fortemente simbólico, a SIDA.

Por muito tempo, a origem das epidemias foi uma incógnita, dando margem a diversas interpretações. Na Idade Média, a Igreja com todo o seu poder teve uma forte influência sobre a mente da população cristã europeia, orientando-a quanto às explicações e aos métodos para evitar os males das pestes provocadas pelos pecados da humanidade decorrentes da blasfêmia, avareza, luxúria, usura, cobiça e falsidade. Desesperada e sem saber a causa das epidemias que lhes abatia, a população seguia as

³ O *Jornal do Commercio* possui uma média de circulação paga de 31.847 exemplares vendidos nas terças-feiras (dia de menor circulação), chegando a 65.028 exemplares no domingo (dia de maior circulação). Além disso, conta com 529 mil leitores de 10 anos de idade ou mais, sendo 53% homens e 47% mulheres, notadamente na faixa etária dos 10 aos 49 anos (81%), entre as classes econômicas B e C (73%) e com Ensino Médio e Superior (77%). Dados do Instituto Verificador de Circulação-IVC (www.ivc.org.br) e da Gerência de Marketing do JC.



determinações sem questionar. Foi assim com a peste bubônica; foi assim com a hanseníase (lepra)⁴, duas das doenças que fizeram história entre os séculos XI e XVIII.

Sontag (2002[1978], p. 75-6) diz que a noção de doença como punição é antiga e tem na hanseníase uma das histórias mais cruéis, suscitando significados moralistas.

Qualquer moléstia importante cuja causa é obscura e cujo tratamento é ineficaz tende a ser sobrecarregada de significação. Primeiro, os objetos do medo mais profundo (corrupção, decadência, poluição, anomia, fraqueza) são identificados com a doença. A própria doença torna-se uma metáfora. Então, em nome da doença (isto é, usando-a como metáfora), aquele horror é imposto a outras coisas. A doença passa a adjetivar. Diz-se que isto ou aquilo se parece com a doença, com o significado de que é nojento ou feio.

No passado, Sontag lembra que as doenças epidêmicas designavam, metaforicamente, uma desordem social, espécie de signo encarnado do “mal”. Da pestilência, veio então o adjetivo pestilento para denominar o doente de peste bubônica. Da mesma forma, surgiu o adjetivo aidético, de Aids⁵. Os dois termos em nada têm de neutros, sendo reflexo do estigma e do preconceito de uma qualidade negativa imposta ao doente face a uma “potencial ameaça externa” que o outro traz consigo (a doença).

Logo no início da epidemia da Aids, a imprensa se referia à doença como “câncer gay”, “mal dos homossexuais”, “peste rosa”, “peste gay” e “peste do século”, ancorando-se no imaginário e na moral para associá-la à questão da homossexualidade (NETO, 1999, p. 51-2). Nascimento (2005, p. 85-90) analisa como a mídia vinculou fortemente a Aids ao homossexualismo masculino de 1981, quando foram publicadas as primeiras notícias, até três anos depois pelo menos. Além da ideia de moléstia degenerativa (*câncer*), três dos termos citados tinham uma alusão direta à peste⁶, espécie de mal coletivo de referência que provocou o terror entre os séculos XIV e XVIII, matando centenas de milhares de pessoas no mundo. O uso desses vocábulos retratava o estigma que marcou a Aids de forma negativa, além de revelar a presença do interdiscurso na construção midiática da notícia, ao resgatar nos discursos jornalísticos sentidos ligados a uma moléstia secular como a peste.

⁴ Desde 1976, o Brasil adotou o termo hanseníase numa clara tentativa de reduzir o estigma da doença. O país é o único do mundo a usar a nova terminologia, sem ter investido na divulgação da mudança junto à população.

⁵ A Aids é causada pela contaminação do vírus do HIV através relação sexual sem preservativo, compartilhamento de agulhas e seringas, uso de instrumentos cortantes não esterilizados, durante o parto ou pela amamentação (mãe soropositiva para filho). Com a doença, a pessoa tem as células de defesa destruídas, tornando-a vulnerável a outras infecções e moléstias oportunistas. Ainda não tem cura, mas tratamento por meio de medicamentos antirretrovirais para impedir a multiplicação do HIV no organismo.

⁶ A peste é uma doença causada pela bactéria *Yersinia pestis*, sendo transmitida ao ser humano por meio das pulgas dos ratos ou outros roedores. Assolou a Europa medieval, por volta do século XIV, matando milhões de pessoas.



Para a Análise do Discurso (AD), o interdiscurso é o conjunto de discursos que dialogam e se articulam entre si. Charaudeau e Maingueneau (2008, p. 286, grifos do autor) determinam dois sentidos para o conceito: um mais restritivo, referindo-se a um espaço discursivo, “*um conjunto de discursos* (de um mesmo campo discursivo ou de campos distintos) que mantém relações de delimitação recíproca uns com os outros”; e outro mais amplo, como “o conjunto das unidades discursivas (que pertencem a discursos anteriores do mesmo gênero, de discursos contemporâneos de outros gêneros etc.) com os quais um *discurso particular* entra em relação implícita ou explícita”.

De acordo com Maingueneau (2008, p. 20), reconhecer o primado do interdiscurso significa entender que os discursos estão inseridos numa rede de trocas, e nunca de identidade fechada. Na concepção dele (2008, p. 36-7), é importante entender que o interdiscurso precede o discurso, significando dizer que “a unidade de análise pertinente não é o discurso, mas um espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos”.

No caso da Aids, o mal dialoga com o passado, especialmente na relação intrínseca entre pecado e punição adotada pelo mundo cristão ao tentar culpabilizar os homossexuais pela epidemia, aflorando a intolerância da sociedade acerca de uma conduta sexual “diferente”. Conduta essa adotada por um indivíduo “enquanto membro de algum ‘grupo de risco’ – essa categoria burocrática, aparentemente neutra, que também ressuscita a ideia arcaica de uma comunidade poluída para a qual a doença representa uma condenação” (SONTAG, 1989, p. 55-6).

Helman (2007, p. 347-8) recorda que as metáforas da Aids tiveram mais força, entre as décadas de 80 e 90, principalmente nas manchetes da imprensa popular, produzindo um estigma aos pacientes acometidos pela doença. Além da vinculação com a peste, essas metáforas incluíam a noção de *contágio invisível* (ênfatisando o medo em relação a qualquer contato com o paciente). Também traziam consigo a ideia de *punição moral* (dividindo os doentes em “inocentes” – receptores acidentais do vírus – e os “culpados”, entre eles os homossexuais, bissexuais, prostitutas e usuários de drogas), de *invasor* (reforçando o preconceito contra o estrangeiro, possível “responsável” pela disseminação da doença) e de *força ou entidade primitiva* (semelhante ao câncer, mas atrelado a um “hedonismo infantil e sexualidade irrestrita e não-convencional”).

Ao propor uma análise sobre as metáforas, Marcuschi (1984, p. 17, grifos do autor) diz que termos dessa natureza ultrapassam a esfera puramente semântica, representando a criação de novos universos de conhecimento.

[...] a metáfora é essencialmente mais do que uma simples *transferência de significado* baseada em certos artifícios semanticamente explicáveis, e, muito mais do que uma simples *comparação abreviada*. Na verdade, ela pode ser tida como ponto de apoio para uma análise de capacidade criativa espontânea do indivíduo, sendo então, apenas do ponto de vista *operacional*, uma transposição de significado, mas do ponto de vista genético e psicológico, ela seria a criação de novos universos de conhecimento. Criaria, pois, uma realidade nova.

Para Marcuschi, a consciência se baseia na experiência empírica acumulada ao longo da vida para construir novos significados além da própria experiência. Na concepção dele, a metáfora não resulta de um processo comparativo anterior, e sim funda uma comparação a partir dela, tendo a ordem psicológica preponderância sobre a ordem lógica. Segundo ele (1984, p. 28):

[...] a metáfora no seu mais legítimo sentido tem uma finalidade em si e não exige compreensão definida e sim apenas sugerida. O conhecimento novo que ela nos sugere é fornecido por uma intuição e por um pensamento que não se baseia em comparação alguma e foge à explicação lógica. Neste sentido a metáfora como que produz a comparação e não a formula simplesmente: a comparação é, no máximo, um resultado da metáfora e não o contrário.

O aparecimento da Aids fez o mundo reviver o medo da desfiguração do corpo, assim como havia ocorrido com a hanseníase e a sífilis em séculos anteriores, só que desta vez sob os holofotes midiáticos. Semelhante às antigas epidemias, a Aids era interpretada como sinal de castigo divino, ressuscitando a intolerância, o preconceito ao extremo e até a procura de bodes expiatórios. Também expôs julgamentos morais a respeito de comportamentos e opções sexuais das pessoas infectadas pelo HIV, revelou a imagem negativa sobre o doente, que se consumia em direção à morte, e pôs em xeque o aparente controle que se imaginava ter sobre as doenças infecciosas.

Na década de 80, a Aids foi destaque da revista *Veja*, pelo menos, três vezes. A primeira ocorreu no dia 14 de agosto de 1985, quando o semanário produziu 13 páginas enfatizando na manchete de capa o avanço da doença, o risco entre os heterossexuais e a mudança dos hábitos, além dos mitos e verdades envolvendo a infecção (figura 1). Nessa fase inicial, a *Veja* se referiu à Aids como o “mal”, a começar pelo título da reportagem (*A multiplicação do mal: a AIDS se espalha*). Na capa, a doença era ilustrada por uma imagem aumentada do vírus do HIV – na época ainda denominado de HTLV-3⁷ – sob um fundo preto, na tentativa de identificar o minúsculo agente causador

⁷ Inicialmente, o vírus do HIV era identificado como um terceiro subtipo do HTLV, um retrovírus com formas de contágio semelhantes à Aids e que acomete o sistema de defesa do organismo, podendo provocar doenças neurológicas degenerativas e hematológicas, como a leucemia.

da chamada “terrível síndrome”, segundo a revista. Além da ilustração, a capa trazia o nome Aids em letras grandes e na cor vermelha.

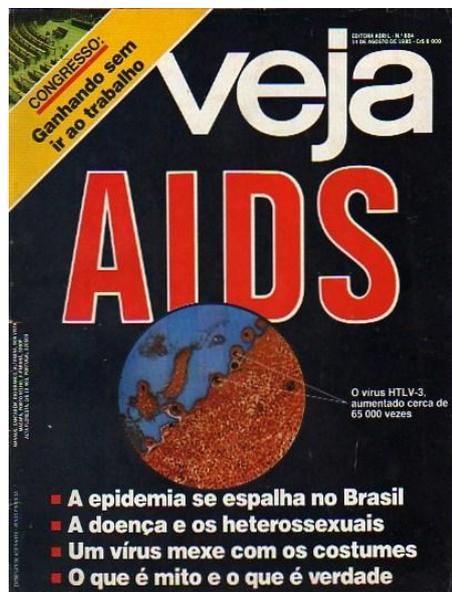


Figura 1 – Primeiro exemplar da revista Veja a abordar a Aids como manchete de capa, ainda na fase inicial da pandemia mundial.
FONTE: VEJA, Nº 884, 14 ago 1985

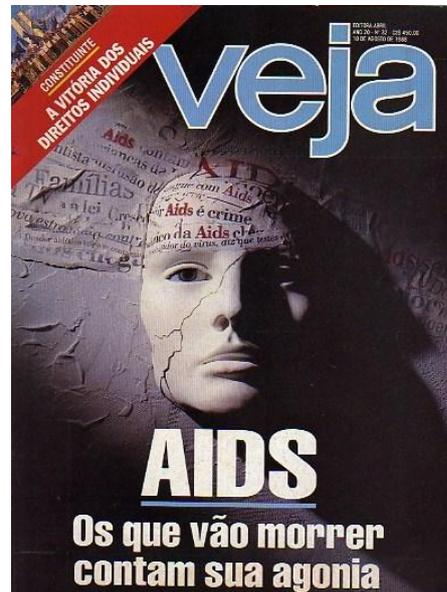


Figura 2 – Exemplar de Veja que trazia, pela segunda vez, a Aids como destaque principal da capa, relatando o sofrimento dos doentes.
FONTE: VEJA, ano 20, nº 32, 10 ago 1988.

A Aids voltaria a ser manchete de capa três anos depois. No dia 10 de agosto de 1988, a revista publicou 10 páginas sobre o cotidiano dos pacientes e médicos que tratam da doença nas principais cidades brasileiras. Sob o título *AIDS: Os que vão morrer contam sua agonia*, a revista tinha na capa um rosto branco parecendo uma máscara de gesso pregada a uma parede (figura 2). Apresentando uma rachadura na diagonal, do nariz à bochecha direita, o rosto tinha um olhar vago, denotando a dissolução do portador de HIV, possivelmente um reforço visual à metáfora da morte. Coladas na testa, havia diversas manchetes, com destaque para uma delas em que trazia os dizeres *Aids é crime*, enfatizando no substantivo *crime* a ideia de delito e, no sentido figurado, de falta, erro, pecado e mal (HOUAISS, 2009, p. 571).

Assim como a hanseníase e o câncer, a Aids “revigorou” o temor dos efeitos da doença sobre o corpo, representando uma ameaça real à questão estética. As marcas provocadas no rosto, *locus* da beleza humana, indicavam uma dissolução progressiva da pessoa, que definhava pouco a pouco numa sucessiva piora até o fim. A Aids parecia antecipar no imaginário social cristão o *juízo final*, como se a doença já fosse um castigo divino antecipado na Terra pela “conduta pervertida” adotada ainda em vida.

No Brasil, o compositor Cazuzza (1958-1990) foi o primeiro artista a admitir publicamente que tinha Aids. Em 24 de abril de 1989, a reportagem da *Veja* – *Cazuzza: Uma vítima da Aids agoniza em praça pública* – trata da luta do roqueiro contra a doença, mostrando na capa da revista a sua fotografia com um semblante magro e coloração de pele diferente da normal, possivelmente consequência dos efeitos da Aids e da medicação utilizada no tratamento para controlar a moléstia (figura 3).

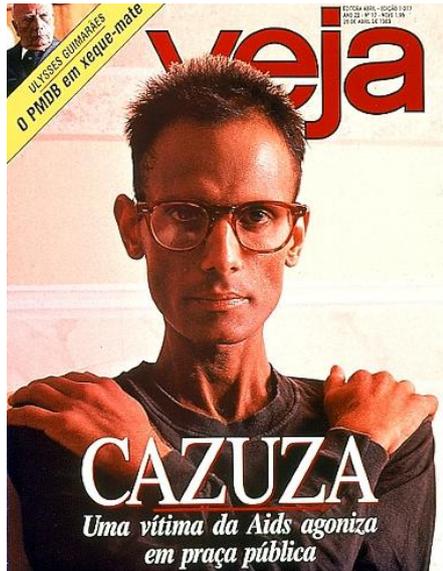


Figura 3 – Capa da *Veja* tratando do drama de Cazuzza, primeiro artista a admitir publicamente que tinha Aids no Brasil.
FONTE: VEJA, nº 1.077, 24 abr 1989.



Figura 4 – Capa recente do caderno *Cidades*, do *JC*, mostrando portador de HIV dormindo na rua sem amparo do governo.
FONTE: Jornal do Commercio, 1º dez 2009.

Embora as metáforas usadas para tratar da Aids sejam hoje menos comuns que nas duas últimas décadas (em grande parte pelo desenvolvimento de tratamentos antirretrovirais), o estigma envolvendo o soropositivo ainda pode ser visto nos discursos midiáticos. A matéria *Portador de HIV sem amparo* (figura 4), do *Jornal do Commercio* de 1º de dezembro de 2009 – data em que se celebra o Dia Mundial de Luta Contra a Aids – “realça” textualmente essa imagem do doente em estado de “decomposição” (*magreza comovente / doente que definha / rim encolhendo*):

(01)

Uma jovem de 25 anos, de magreza comovente, em pleno meio-dia se contorce com frio. Descobriu há menos de dois anos, após o nascimento do filho, que tinha HIV. Nos últimos três meses, segundo o companheiro, começou a piorar. Definha. “Tem febre todos os dias, dor nos ossos e o rim parece que está encolhendo”, descreve o rapaz, enquanto agasalha a moça na calçada, no Centro do Recife. (*JC*, 01/12/2009)



A metáfora utilizada da *desintegração* do portador do vírus é comum desde o início da epidemia de Aids, associando a doença à morte. Na reportagem *Morrendo aos poucos a cada dia*, de 10 de agosto de 1988, a *Veja* narra a história da pequena Sheila, de 1 ano e 9 meses, uma das pacientes acompanhadas na época pelo Hospital Emílio Ribas, em São Paulo, e carregando dentro de si o vírus mortal que aguarda o momento de “roubar-lhe a saúde e a vida”, assim como os demais “humilhados da Aids”:

(02)

Sheila carrega no sangue o HIV, o vírus da Aids, que, sinistramente cristalizado, aguarda o momento de destruir suas defesas orgânicas para roubar-lhe a saúde e a vida. Enquanto isso, a menina amacia com seu olhar infantil o duro ofício de seus novos familiares – quase 1.000 médicos, enfermeiras e funcionários do Emílio Ribas, o grande pavilhão dos humilhados da Aids, a doença que mata e estigmatiza. (VEJA, 10/08/1988)

Evidentemente, existem diferenças na abordagem entre as duas reportagens, em grande parte devido às mudanças ocorridas com o desenvolvimento do tratamento da Aids e aos personagens enfocados (morador de rua x criança hospitalizada). No início, sem a existência de drogas eficazes para barrar a multiplicação do vírus no organismo, o soropositivo era discursivamente condenado à morte sem qualquer chance de “redenção”. Nenhuma enfermidade parecia ter atingido o corpo de forma tão pública quanto a Aids, expondo as transfigurações por uma doença ainda sem cura. Talvez, por isso mesmo, o pânico provocado pela epidemia levou doentes, familiares e militantes a protestarem contra a discriminação face à impotência terapêutica e a comunicarem suas experiências pessoais, diferentemente de séculos anteriores, quando os enfermos aceitavam a culpa imposta e sofriam calados, muitas vezes às escondidas.

Com a descoberta de drogas mais eficazes, a Aids passou a ser considerada uma doença aparentemente crônica, pela possibilidade de garantir uma sobrevivência com os medicamentos, algo que não havia antes. Hoje, vemos cada vez menos na mídia pacientes como Cazusa, que tinham o corpo modificado e morriam em decorrência da ação da moléstia. Porém, a ideia de *contaminação viral* reforça ainda hoje a representação dos micro-organismos (no caso, o HIV) como corpos estranhos – às vezes monstros inimigos – que tomam conta do organismo, provocando a sua destruição. Por isso, a metáfora da *invasão* ainda é comum nos enunciados, seja para descrever a disseminação dos vírus no organismo humano, seja para conotar o mal grave e ameaçador que vem de fora, trazendo o risco para a população, como a dengue.



As metáforas bélicas no discurso sobre a dengue

A dengue vem atraindo cada vez mais atenção da mídia por ser uma moléstia emergente que já se tornou um dos principais problemas de saúde pública, levando à morte de cerca de 20 mil pessoas todos os anos no mundo. Apesar de estar presente desde o período colonial, a dengue surgiu, de fato, e ficou conhecida no país a partir de 1986, quando começaram a ser registradas epidemias sistemáticas. No passado, a virose não tinha impacto significativo pelos relatos esporádicos de casos e por ser considerada benigna, com poucas mortes (SILVA; ANGERAMI, 2008, p. 43-4).

A partir das epidemias registradas, a dengue se tornou alvo de coberturas jornalísticas. Uma das primeiras, de caráter nacional, ocorreu em 7 de maio de 1986, quando a *Veja* publicou uma reportagem de seis páginas sobre o assunto, com direito a chamada de capa. O reaparecimento da dengue foi visto como sinônimo de retrocesso, revelando a negligência do poder público em evitar o retorno da doença.

(03)

A população urbana do Brasil, que já aprendeu a conviver com doenças ditas modernas, como o câncer e a AIDS, e que até já ouviu falar em drogas como a ciclosporina⁸, viu-se ameaçada nas últimas semanas por duas doenças que pareciam riscadas dos manuais de saúde: o dengue e a febre amarela. Perplexas, as pessoas têm procurado os consultórios médicos para orientação. (VEJA, 07/05/1986)

Curioso verificar que, mesmo com todo o temor existente face ao novo que uma moléstia representa, *doenças modernas*, como o câncer e a Aids, podiam até ser aceitáveis para o Brasil, ao contrário da dengue e da febre amarela, qualificadas implicitamente como *doenças retrógradas*. Além disso, o uso do verbo *conviver* na matéria denotava “adaptar-se”, “habituar-se a condições extrínsecas” (HOUAISS, 2009, p. 543). Subtende-se, dessa forma, que *conviver* com uma *doença moderna* é possível, apesar de todas as implicações e riscos à saúde. Mas com uma *doença retrógrada*, não.

A partir de 1986, com a identificação da dengue e a proliferação do inseto, não se podia mais negar o risco de expansão de epidemias, que passaram a ser uma realidade. Ainda que não aceitassem o reaparecimento de uma moléstia do passado, a imprensa e a população tiveram de conviver com ela pelas dificuldades encontradas em erradicar o mosquito transmissor e controlar a circulação dos diferentes sorotipos do vírus no país.

⁸ A ciclosporina é uma droga imunossupressora utilizada para tratamento de órgãos transplantados e medula óssea. Ela atua no organismo suprimindo as reações imunológicas que causam rejeição pós-cirurgia, diminuindo os efeitos colaterais indesejáveis.

Em 2002, com a introdução do DEN-3 (terceiro sorotipo do vírus), foi registrada no país uma epidemia explosiva, a maior até então, sendo registrados 672.371 notificações da doença e 2.090 óbitos por febre hemorrágica (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002, p. 10). Pernambuco foi o segundo estado brasileiro com maior número de casos, perdendo apenas o Rio de Janeiro. O contexto de calamidade pública, causado sobretudo pelas mortes registradas, levou a imprensa a noticiar amplamente o assunto.

A magnitude da dengue foi fundamental para analisar a atitude valorativa negativa que se consolidou por meio dos enunciados da imprensa nos anos posteriores, através da identificação da palavra *epidemia* na prática discursiva. Isso não vem de hoje e nem é “obra” da dengue apenas. As noções de medo, mal, morte, risco e epidemia estão intimamente ligadas às doenças infecciosas (como a dengue), transmitidas por um agente biológico, que pode ser um vírus, uma bactéria ou um parasita.

Nessas enfermidades transmissíveis, em que não se visualiza o agente, mas em que se vê e sente concretamente o corpo doente, a materialização da epidemia no contexto da coletividade faz explodir a noção do “mal” no território geográfico se alastrando – seja na cidade, no estado, no país ou até mesmo no mundo – e espalhando o medo entre as pessoas. Abaixo, destacamos três capas do Jornal do Commercio em que a dengue foi manchete principal. Em todas elas, de alguma forma, os enunciados tornam visível a ideia do mal sanitário representando perigo para a população.



Figura 6 – Manchete enfatiza a suspeita de quatro mortes por dengue, dando valor à epidemia. FONTE: JC, 21 de fev de 2002.



Figura 7 – A preocupação da saúde pública com o novo vírus da dengue foi manchete na imprensa. FONTE: JC, 23 de fev de 2002.



Figura 8 – No regime discursivo do jornal, o mosquito é retratado como a personificação do “mal”. FONTE: JC, 3 mar de 2002.



O risco é aumentado pela sensação de inquietude que a *possibilidade de contaminação* provoca no imaginário em relação a doenças, baseada em crises passadas. Para o Jornal do Commercio, não apenas as mortes confirmadas, como também as suspeitas de óbito foram alvo de divulgação da dengue. Contabilizar os óbitos e os novos casos por meio das manchetes – consideradas por Lage (2008, p. 15) “anúncios do texto” – torna-se uma preocupação para enfatizar o agravamento da situação, devido a uma *potencial* ameaça de epidemia, como forma de “captar” o seu público.

No noticiário, a epidemia ou a possibilidade de epidemia se torna o fio condutor que define a extensão e volume da cobertura. Em geral, a constatação da ameaça da dengue vem seguida de matérias abordando as iniciativas para controlá-la, revelando uma luta contra essa doença potencialmente mortal (seja a febre hemorrágica ou a dengue clássica com complicações, que também pode matar). Assim, vemos uma relação interdiscursiva do discurso sobre a dengue com o discurso de guerra, a partir do momento em que a mídia enfatiza a adoção de táticas militares no combate à moléstia.

Metaforicamente, a noção que emana dos discursos midiáticos é de um claro embate entre o poder público e a dengue, tendo a população às vezes apenas como vítima da doença, às vezes como aliada ou oponente do governo no combate à doença. *Guerra, luta, batalha, combate, plano, inimigo, eliminação, erradicação, alvo e obstáculo* são palavras comuns a esses enunciados, especialmente em momentos de descontrole, como as epidemias, indicando o apelo que o desgoverno tem no contexto social e a necessidade de se garantir o domínio ao desequilíbrio.

Vale a pena salientar que as metáforas bélicas não são produto apenas do presente. Inicialmente usadas pelo campo médico no fim do século XIX com a identificação dos agentes infecciosos, segundo Sontag (2002[1978]), essas metáforas foram incorporadas nas campanhas de saúde a partir da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), adotando uma visão de doença como “inimigo” para incentivar o controle sanitário. De lá para cá, esse tipo de estratégia discursiva pode ser vista no noticiário jornalístico a respeito de outras doenças que representam ameaça à população.

Atualmente, as metáforas bélicas são muito comuns na imprensa quando se trata de doenças. De acordo com Gomes (2000, p. 190),

[...] nas matérias que envolvem o desenvolvimento de drogas contra doenças, as pesquisas também são tratadas como uma guerra, com o uso de expressões como *desafio, estratégia, ataque, alvo e comandado*. Por pertencerem a um outro contexto, tais expressões funcionam como recursos precisos no sentido de ressemantizar o que é enunciado.



Levar em conta essa historicidade é fundamental para tentar entender as relações de sentido atuais no “jogo complexo da discursividade”, como diz Orlandi (2007). Nas matérias sobre doenças, as metáforas são interessantes para enfatizar discursivamente a eliminação dos possíveis riscos que levem ao adoecimento das pessoas. Seleccionamos trechos de três matérias publicadas pelo Jornal do Commercio, em 2008, ano em que foi registrada uma epidemia e o discurso de guerra foi bastante enfatizado no noticiário⁹:

(04)

Visitar, identificar e destruir são as palavras de ordem da tropa, composta por militares efetivos e iniciantes do serviço militar. Fardados, os soldados foram ontem às ruas da Várzea, Boa Viagem, Afogados, Alto José do Pinho, Mangabeira, Torreão, Campo Grande, Encruzilhada, Santos Antônio e Bairro do Recife. (JC, 20/05/2008)

(05)

A menina Lidiane Canuto da Silva, 11 anos, se fantasiou de mosquito da dengue e entrou no caixão. “**A gente tem que matar o inseto para ele não matar a gente**”, resumiu a garota. (JC, 09/06/2008)

(06)

“O mosquito parece ser um adversário fraco, pequeno, mas ele se mostrou poderoso, com um efeito que pode ser devastador. **Ganhamos a batalha, mas não a guerra**”, declarou o prefeito João Paulo. (JC, 04/07/2008)

Observamos que a militarização está presente na falas de diferentes atores que fazem parte do “enredo” da dengue, a exemplo da imprensa, a partir do momento em que ressignifica os sentidos bélicos no seu discurso (*Visitar, identificar e destruir são as palavras de ordem da tropa*), do cidadão (“*A gente tem que matar o inseto para ele não matar a gente*” – estudante Lidiane Canuto da Silva) ou mesmo do gestor público (“*Ganhamos a batalha, mas não a guerra*” – prefeito João Paulo). Não é à toa que a dengue é encarada na atualidade como uma espécie de *Nêmesis brasileira* (SILVA; ANGERAMI, 2008), numa alusão à deusa que personifica a vingança na mitologia grega e representa na atualidade o extremo oposto de alguém, mas, ao mesmo tempo, muito semelhante a si e que merece respeito e cuidado.

Embora as metáforas em geral ultrapassem a esfera puramente semântica, representando a criação de novos universos do conhecimento (MARCUSCHI, 1984), os termos metaforizados do campo militar possuem uma função ornamental nas matérias sobre dengue. “Ou seja, muito mais do que procurar explicar algo, o jornalista emprega

⁹ Na pesquisa sobre a construção discursiva sobre a dengue no noticiário pernambucano, Ferraz (2010, p. 195) identificou no Jornal do Commercio 29 textos, em 2008, versando sobre as ações de combate à dengue e outros 14 se referindo às medidas anunciadas pelos governos, totalizando 43 matérias e notas. Somados, os dois núcleos semânticos tiveram maior produção no noticiário, bem à frente dos 28 textos abordando a divulgação de casos e mortes. Em relação a 2002, 2004 e 2006, foi o ano em que mais se enfatizou a militarização no combate à dengue.



metáforas em busca de uma caracterização pitoresca do elemento ao que se está referindo”, considera Gomes (2000, p. 191), ao avaliar os textos de divulgação científica. Assimilando a ideia da autora, o uso de metáforas demonstra “uma grande preocupação dos jornalistas com o envolvimento do leitor” (GOMES, 2000, p. 192) ao tomar para si expressões de guerra utilizadas nos discursos da saúde pública. Nas matérias sobre dengue, esse fenômeno discursivo reforça dialogicamente a noção do *descontrole* e busca a adesão da sociedade na realização de medidas de controle.

Considerações finais

Embora cada doença infecciosa tenha suas características particulares, todas resgatam a memória das antigas pestes na constituição de sentidos. Nos discursos jornalísticos atuais, noções seculares como medo, mal, morte, risco e epidemia estão ligadas constitutivamente às moléstias que fizeram história no passado. Assim, a relação estabelecida pela imprensa entre a Aids e a peste após a descoberta da doença, no começo dos anos 80, e entre a dengue e a febre amarela, em meados da mesma década, são exemplos de como o interdiscurso joga com os sentidos na construção dos novos enunciados a partir de significados já construídos.

Constituída na prática discursiva, a noção de epidemia carrega consigo a noção do “mal” sanitário se alastrando e espalhando o medo entre as pessoas a cada novo evento epidêmico relatado pelos meios de comunicação, além de valorizar o descontrole. Para nós, essa *aproximação da ameaça* que emana do noticiário traz à tona as noções seculares, com diferentes nuances, a depender da patologia representada.

As metáforas bélicas, comumente usadas para tratar das ações de combate à dengue ou mesmo para caracterizar os medos e ansiedades em relação à Aids, evidenciam a importância dessas palavras “ornamentais” nos discursos sobre as doenças. No caso da Aids, as metáforas guardam certo estigma em relação aos pacientes, podendo ser potencialmente perigosas por “impedir qualquer avaliação racional dos riscos da doença e de como ela deve ser reconhecida, controlada, prevenida e tratada” (HELMAN, 2009, p. 348).

O universo de representações e valores que permeiam uma moléstia diz muito de uma sociedade. Por meio da produção do campo jornalístico, doenças como a Aids e a dengue vão adquirindo significados a partir da amálgama dos diferentes saberes articulados e da própria narrativa instaurada, que busca por meio de um *universo contado* respostas para as verdades que expliquem a doença para o homem. Ao avaliar a



construção dos discursos midiáticos, a intenção deste artigo foi refletir, mais profundamente, acerca do papel da imprensa na construção de sentidos sobre as doenças num mundo tão midiaticizado como o nosso, além da representação que as patologias e a própria saúde têm na sociedade contemporânea e do valor que damos a elas.

Referências

- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. 2 ed., São Paulo: Contexto, 2008.
- FAUSTO NETO, A. **Comunicação e mídia impressa: estudo sobre a Aids**. São Paulo: Hacker, 1999.
- FERRAZ, L. M. R. **Epidemia e memória: narrativas jornalísticas na construção discursiva sobre a dengue**. 2010, 250p. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Comunicação, Recife, 2010.
- GOMES, I. M. A. M. **A Divulgação Científica em Ciência Hoje: características discursivo-textuais**. 2002, 320p. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Letras, Recife, 2000.
- HELMAN, C. G. **Cultura, saúde e doença**. 5 ed., Porto Alegre: Artmed, 2009.
- HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- LE GOFF, J. Uma história dramática. In: LE GOFF, J. (Org.). **As doenças têm história**. 2. ed. Lisboa: Terramar, 1997[1985].
- MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MARCUSCHI, L. A. A propósito da metáfora. **Pórtico - Revista do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco**. Recife, 1984, p. 15-32.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. **A sociedade contra a dengue**. Série B. Textos Básicos de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.
- MORRIS, D. B. **Doença e cultura na era pós-moderna**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.
- NASCIMENTO, D. R. **As pestes do século XX: tuberculose e Aids no Brasil, uma história comparada**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.
- ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed., Campinas: Editora da Unicamp, 2007a.
- RIBEIRO, A. P. G. A mídia e o lugar da história. In: HERSCHMANN, M.; PEREIRA, C. A. (Org.). **Mídia, memória e celebridades**. 2. ed. Rio de Janeiro: E-Papers, 2005. p. 105-129.
- ROUQUAYROL, M. Z; ALMEIDA FILHO, N. **Epidemiologia e Saúde**. 6. ed. Rio de Janeiro: MEDSI, 2003.
- SILVA, L. J.; ANGERAMI, R. N. **Viroses emergentes no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.
- SONTAG, S. **A doença como metáfora**. Rio de Janeiro: Graal, 2002[1978].
- _____. **Aids e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.